

O CULTO DO DOCUMENTO: A COLEÇÃO DE RELÍQUIAS DA BASÍLICA DE SAINT-SERNIN DE TOULOUSE - FRANÇA ¹⁴

Patrick Fraysse

Introdução

Os profissionais da informação e os pesquisadores em Ciências da Informação e da Comunicação estão acostumados a definir o documento considerando primeiro o conteúdo da informação veiculada. Paul Otlet foi um dos primeiros que contribuiu para elaborar a noção de documento como noção fundamental das Ciências da Informação. As categorias propostas distinguem agora a natureza primária ou secundária da informação pelo posicionamento do ponto de vista do autor, produtor do documento. O documento primário é um documento que apresenta uma informação em sua característica original, enquanto que o documento secundário condensa o primeiro. É a classificação em uma coleção e a descrição do conteúdo que imprimem esta primeira tipologia bem conhecida dos profissionais onde a atividade cotidiana é justamente de produzir documentos secundários sob a forma de notícias, de catálogos bibliográficos, de

¹⁴ Originalmente publicado em: FRAYSSE, P. Le culte du document : la collection de reliques de la basilique Saint-Sernin de Toulouse (France). **Anais III Colóquio Científico Internacional da Rede MUSSI**. Salvador: Rede MUSSI, Universidade Federal da Bahia, 2014.

Republicado em: FRAYSSE, P. O culto do documento: a coleção de relíquias da Basílica Saint-Sernin de Toulouse (França). **Revista Tempo Brasileiro**, n. 203, out-dez, 2015.

Agradecemos aos editores da revista Tempo Brasileiro pela autorização para a republicação em português.

resumos, de palavras-chave e, hoje, de metadados. Os documentos primários assim descritos e apresentados podem agora ser encontrados no espaço da biblioteca ou do centro de documentação. Falar “do documento” ou “dos documentos” é inicialmente, nos dicionários e obras especializadas, uma questão de livros, de revistas, de papéis impressos e de arquivos.

Mas, rapidamente, os suportes responsáveis pelo transporte da informação se veem multiplicados nas bibliotecas que se transformaram em midiatecas. Os discos, os filmes, as fotografias, as imagens de todo gênero, etc, agregam a informação oral e a informação iconográfica à escrita. Todas essas mídias são também os registros, quer dizer, os suportes da informação e da comunicação. Daí a considerar todo objeto material como um documento não é algo que os historiadores vão absorver rapidamente. Todos os objetos podem, com efeito, para eles, dar informações àqueles que os interrogam. O documento agora não é mais somente considerado do ponto de vista de sua produção e da intenção de informar, mas ele é também considerado do ponto de vista de sua recepção e do desejo de explicar ou de compreender os fenômenos info-comunicacionais. O sentido de “documento”, então, evoluiu.

Uma segunda tipologia emergiu em seguida, é aquela não menos tradicional hoje depois dos trabalhos de Jean Meyriat (1978), de “documento por intenção” e de “documento por atribuição”. Se partimos do princípio de que tudo é documento, todo objeto material pode então ser interrogado, pela recepção, e ao redor mesmo de seu uso funcional, para aprender, para compreender, para informar e mesmo para comunicar. Poderemos então aprender de um monumento, de uma catedral gótica, de uma escultura grega, de uma ferramenta agrícola mesopotâmica, de afrescos paleolíticos de Lascaux ou pedras esculpidas da pré-história. Suzanne Briet se aventurou a propor os seres vivos naturalizados como documento em condições muito particulares (ela cita, por exemplo, o antílope, último de sua espécie). Podemos acrescentar nessa categoria os ossos dos seres vivos?

Após ter estudado os objetos arqueológicos conservados nos museus (Frayse, 2013), continuamos nosso questionamento sobre o documento pela observação de um tipo particular de objeto, as relíquias conservadas nas igrejas medievais. Elas podem ser definidas como um suporte que veicula a informação, ou seja, como apresentando ao mesmo tempo uma materialidade, mensurável, reproduzível, posta em circulação, e uma virtualidade de sentidos ativada pela recepção dos usuários ou destinatários?

Nós tínhamos já pontuado em outro momento sobre as diferentes definições e as diferentes abordagens da noção de documento (Frayse, 2011). Todavia, pegando como ponto de partida o suporte, o objeto, a materialidade, nós desejamos, na esteira dos historiadores, dos arqueólogos e dos antropólogos, explorar aqui as relíquias a fim de ver se é possível lhes classificar na categoria dos documentos.

Partindo da coleção de relíquias da basílica de Saint-Sernin (France) nós mostraremos que esse material singular que é o osso, traço do passado e veículo de uma crença, pode ser considerado em uma perspectiva documentológica (Couzinet, 2014).

Inicialmente, o osso é um documento primário?

Como escreveu Régis Debray “no princípio era o osso, não o logos” e “o osso é o arquivo primordial” (Debray, 2000, p. 24). Por essas afirmações ele quer lembrar que o simples fato de reunir e justapor em um espaço protegido, os restos mortais, lhe dá um estatuto particular. Inventou-se, assim, a partir de 100.000 anos a.C., ao mesmo tempo o documento e o monumento, quer dizer, que carregamos simbolicamente um objeto de uma informação e que esse mesmo objeto vai servir como mnemotécnica, como notícia do passado, como contendo uma memória. De um lado os ossos são interrogados *a posteriori* pelos arqueólogos que procuram as informações sobre a pessoa morta, e de seus restos se criam o discurso, o logos, a informação, o ensinamento; e de outro lado a salvaguarda desses ossos em uma tumba, uma caixa, um sarcófago,

um relicário, um monumento conduzirá a uma cascata de objetos secundários para informar, descrever, classificar.

A palavra documento, do latim *docere*, informar, ensinar, implica que houve uma fixação: não existe qualquer documento em uma difusão de um programa pelo rádio ou pela televisão. Uma conversação entre duas pessoas não é um documento. Um concerto não é um documento audiovisual, o registro de um concerto é um. A lembrança de uma pessoa se perde na memória coletiva. Para perdurar no tempo, e então vir a ser documento, ela necessita se fixar sobre um traço material. E que de mais eficaz e mais próximo do defunto que seus restos eles mesmos, esses ossos tornam-se relíquias?

Ao curso da história cristã, a relíquia é “isso que vai fazer presente o invisível em uma forma material” (Schmitt, 1999), dito de outra forma o suporte de inscrição de uma informação constantemente atualizada pelas cerimônias, as orações, as inscrições que a acompanham. Já em 1934, Paul Otlet teve uma visão extensiva da noção de documento e propôs uma abordagem tipológica para estender o significado além do suporte livro: é “o suporte de uma certa matéria e dimensão, eventualmente de um certo desdobramento ou envolvimento sobre o qual são levados os sinais representativos de certos dados intelectuais”. Indo para a lógica ele precisa: “o menor documento é uma inscrição [...] é ainda menos, é o sinal que o escoteiro traça à giz sobre as árvores e as rochas [...] o cartão de visita. [...] o selo [...] as pequenas etiquetas” (Otlet, 1934, p. 43). Levando em consideração essa noção de extensividade documentária, há inclusive aquela de substitutos do livro que ele definiu assim: “as coisas materiais elas mesmas (objetos) podem ser tidas por documentos desde que sejam erguidas como elementos sensíveis, diretamente de estudos, ou de provas de uma demonstração.” (Otlet, 1934, p. 217). Tudo (ou quase tudo) então pode ser documento para um profissional da informação. Os historiadores e, sobretudo os antropólogos e os arqueólogos, que não têm mais a segurança do livro, do arquivo, ou seja, do escrito, procuram interrogar outros materiais. Fazendo

isso, eles invertem então a equação e não partem mais do logos, do discurso, da informação fixada sobre um suporte, mas do suporte ele mesmo. O suporte é agora interrogado, medido, descrito para fazer emergir a informação.

Em seguida a Paul Otlet, Suzanne Briet, após ter definido o documento como sendo “toda base de conhecimento fixado materialmente e susceptível de ser utilizado para consulta, estudo ou prova”, reuniu elementos que ela julgou mais atuais: “todo indício concreto ou simbólico, conservado ou registrado, para a finalidade de representar, de reconstituir ou de provar um fenômeno ou físico ou intelectual” (Briet, 1951, p. 7). Embora lamente sua natureza abstrata, e então complexa, ela desenvolveu a ideia de que todo ser vivo pode vir a ser um documento, desde o instante onde ele é, ou virá a ser, objeto de estudo. Depois, ela resume em uma frase a ideia da complexidade do trabalho intelectual sobre as ligações entre documento e informação: “a unidade documentária tende a se aproximar da ideia elementar, da unidade de pensamento, à medida que as formas de documentos se multipliquem, que a massa documentária aumente, e que a técnica do trabalho do documentalista se aperfeiçoe”. (Briet, 1951, p. 10). Dito de outra forma, quanto mais são criados documentos, ou melhor, quanto mais atribuímos o status de documento às coisas, aos objetos (Suzanne Briet engloba o mundo animal na categoria documentária), mais a noção se complexifica. É o uso que vai doravante criar o documento.

O documento existe porque um usuário precisa para provar ou explicar qualquer coisa, compreender, aprender, produzir, etc. O ser vivo é então inserido numa ordem documentária. Os restos dos vivos, os ossos, as relíquias, podem entrar também nesta ordem.

As coleções de relíquias, o exemplo de Saint-Sernin de Toulouse

As relíquias do culto cristão são literalmente os “restos”, os “objetos” materiais a partir do corpo (frequentemente dos ossos) de uma pessoa considerada como santo ou tendo-lhe pertencido. Essas relíquias corporais, ou esses objetos funcionais, veem seu estatuto primário modificado pelo olhar que os crentes lhe lançam. Elas têm um sentido particular, sagrado, indissociável de sua materialidade. Elas são, aliás, conservadas, colecionadas, descritas em catálogos, postas em exposição nos relicários, emprestadas (ou roubadas) como os... documentos. O caráter documentário das relíquias é acentuado pela presença a seu lado de documentos secundários (frequentemente de pergaminhos) descrevendo, para lhes autenticar, as relíquias (documentos primários) conservadas dentro dos tesouros da igreja. Esta preocupação com a descrição, a classificação, a coleção, própria ao mundo medieval, agrega as preocupações documentárias próprias ao mundo atual dos museus e onde se podem encontrar as premissas das igrejas medievais, onde alguns são criados e organizados para apresentar uma coleção de relíquias. Em Toulouse uma igreja conserva um grande número de relíquias. Trata-se da basílica Saint-Sernin que foi construída na Idade Média sobre o local da sepultura do primeiro bispo da cidade, martirizado pelos romanos em 29 de novembro de 250 d.C.

A história do mártir Saturnin é bastante conhecida. Ela é apresentada hoje nos guias ou sobre os painéis de uma exposição dentro da basílica, e pode-se seguir seu “caminho de cruz” depois da praça Esquirol atual onde se elevou no século III o templo *capitolin*, até a basílica Saint-Sernin, obra da arte romana. Sernin é o diminutivo popular e a tradução da língua occitane do nome de Saturnin. Por ter recusado render culto aos deuses romanos, ele foi jogado sobre a calçada do templo dedicado a Júpiter que se encontra ao local atual da praça Esquirol. Depois de amarrado pelos pés a um touro indomável, arrastado ao longo do *cardomaximus* em direção ao Norte (a rua Saint-Rome atual), até ao

exterior da cidade. Seu corpo teria sido encontrado no endereço da atual igreja de Taur onde ele foi enterrado secretamente pelas mulheres. Ao fim do século IV e logo ao início do século V, o bispo Exupère tomou a decisão de transferir as relíquias de Saint-Sernin ao local da basílica atual e de construir um edifício. O culto dos santos e dos mártires por meio de suas relíquias é doravante possível, pois o cristianismo tornou-se uma religião de estado. Mais nada se opôs doravante ao desenvolvimento desta religião que terá lugar em toda a Idade Média.

É por volta de 1070 que começa a construção da igreja atual. A arqueóloga toulousana Quitterie Cazes, escreveu a história do edifício que é frequentemente designado como “igreja de peregrinação” ou etapa da rota até Saint-Jacques de Compostella. O edifício é conhecido como um santuário das relíquias de Saturnin. Um santuário suficientemente grande para abrigar e proteger os restos do santo mártir toulousano, mas também aqueles outros santos que os cânones de Saint-Sernin têm pouco a pouco acumulado. Essa coleção de relíquias é hoje o resultado desta prática medieval de devoção, a partir dos objetos mediadores, ao Deus cristão.

Hoje, além dos fragmentos da mandíbula de Saint-Sernin apresentada no coração da igreja, e alguns dos 200 pedaços de ossos, uma extremidade da “verdadeira cruz”, os restos de seis apóstolos dentre eles o de Saint-Jacques o maior, que são conservados nos tesouros da basílica. A multidão de peregrinos vem a Toulouse para rezar diante das relíquias. Jean-Claude Schmitt (1999) explica que o culto das relíquias era uma prática importante na Idade Média, pois os restos mortais continham sempre, para os crentes, a presença do santo. Possuir relíquias era, então, um meio de poder importante. Os cânones de Saint-Sernin eram tão poderosos que o bispo ou os condes de Toulouse vieram, de qualquer maneira, enterrar-se perto de Saturnin.



Doc. 1. Tumba de Saint-Sernin © Patrick Fraysse 3. Questões para uma abordagem documentológica dos monumentos

Essa rápida escalada histórica mostra a importância do lugar ainda hoje. Os peregrinos continuam a vir para orar por Saint-Sernin e todos os outros santos reunidos em torno dele ao longo dos séculos. Os turistas se juntam a eles nas laterais internas da basílica ou na cripta para visitar o tesouro no qual se pode ver sempre, rezar para alguns, admirar para outros, as relíquias, os relicários e outros objetos preciosos.

A basílica não está longe de parecer com um museu. De lugar de culto, ela tornou-se um lugar de cultura. Ela é também um lugar de conservação. Ela já foi tudo isso na Idade Média, tanto é verdade que um monastério (1) era um verdadeiro centro cultural. Era evidentemente um lugar de culto, mas também uma escola (os cursos de uma universidade medieval tiveram lugar dentro de seus muros), um atelier de confecção de livros, um atelier de arte (escultura e pintura), etc. Todas essas atividades práticas, escolares

ou artísticas eram orientadas para Deus. Ela não permanece a menos que uma organização minuciosa se imponha. A coleção de relíquias, por exemplo, é frequentemente inventariada. Vincent Gallois, o padre atual de Saint-Sernin nos disse que o 340 inventário das relíquias da basílica foi terminado em 2013 (jornal *La Dépêche*). Depois de 966, isto é, há mais de um milênio que os bispos de Toulouse tinham atualizado um registro de inventário das relíquias. Alguns dentre eles foram autenticados ao longo do tempo e são acompanhados de notícias escritas sobre os pedaços dos pergaminhos.

Encontram-se aqui as práticas documentárias. Os documentos secundários, os restos dos pergaminhos, descrevendo a relíquia, fornecendo uma data e a assinatura da pessoa responsável pela coleção, vêm autenticar a relíquia e dão o estatuto de documento a ela. Este se torna um documento primário, integrado em uma coleção, inscrito em um registro de inventário e descrito sobre uma etiqueta. Se somarmos os cartões desenvolvidos, outros documentos secundários, que apresentam a relíquia e seu relicário dentro da basílica ou nos corredores, encontram-se todos os indícios da organização dos documentos. A basílica é então, também, um centro de documentação.

As relíquias conservadas em Saint-Sernin de Toulouse podem, então, ser consideradas como documentos por atribuição. O caráter documentário desses objetos de culto é primeiramente dado pelo olhar que se lança a eles. Esses restos mortais são portadores de uma simbologia forte. Sua materialidade mesma de criação divina (Schmitt, 1999) lhes confere o status de “veículo” espiritual. Esse suporte de informação como todo suporte é um documento. Essa característica documentária é acentuada por outros sinais reveladores no domínio dos documentos: a presença de documentos secundários. Outros suportes, os relicários que restauram uma imagem (Pic, 2009; Schmitt, 1999) a estes restos mortais, os restos dos pergaminhos sobre os quais são inscritas informações complementares, os registros de inventário da coleção, os legendários que contam a história terrestre dos santos

e inscrevem a igreja proprietária das relíquias em longo tempo da história, completam essa aparelhagem documentária.

Como outros objetos, as relíquias nos permitem testar a grade de leitura documental. Esses são suportes de informação, os “machina mémorialis” (Carruters, 2002), os “sémiophores” (Pomian, 1997), os “lugares de memória” (Nora, 1984), os “documentos monumentos” (Frayse, 2013), muitas das nomenclaturas utilizadas pelos pesquisadores para explicar as mudanças de natureza dos suportes, a modificação dos olhares lançados sobre eles e finalmente os processos de evolução do real (patrimonialização, hibridação, documentalização, trivialidade) propostos pelas Ciências da Informação e da Comunicação.

Conclusão

Todo objeto material pode, então, ser carregado desta função de suporte de informação. A noção de documento ultrapassa aquela do escrito. Jean Meyriat (1978) evoca os objetos conservados nos museus e notadamente os esqueletos do Museu de História Natural que “conservam e fornecem informações sobre a fauna do primeiro quaternário” (p.144) [...] não é mesmo necessário saber quanto aos objetos que foram recolhidos a fim de informar: o arqueólogo utiliza como documentos os objetos que ele descobre no lugar de sua pesquisa, porque eles lhe fornecem informações sobre os grupos humanos que os fabricaram ou utilizaram”. Os ossos de animais ou de homens anônimos de épocas longínquas conservados no Museu são também documentos para os zoólogos ou os antropólogos. A presença deles dentro do museu, no meio de uma coleção, dá um passo ao seu novo estatuto. Esses documentos por atribuição nos informam sobre uma época distante e a maneira como os homens viviam, suas eventuais doenças, as causas de sua morte. Eles passam a ser testemunhos de sua espécie e de uma outra época. Essa mudança de estatuto e também a abertura de um processo de patrimonialização é cara a Jean Davallon (2006), pois não existe

sem um processo paralelo de documentação, quer dizer, ao mesmo tempo de mudança de estatuto e também de criação documentária.

Esta exposição documentária de coisas parece hoje evidente nos museus e mesmo em algumas bibliotecas ou centros de arquivo que conservam também objetos. Os museus transformam os objetos em documento. Porque deveria ser de outra forma hoje, com os objetos conservados nas igrejas e particularmente as relíquias que são conservadas e expostas? Pode-nos parecer, em seguida deste estudo de caso, legítimo questionar seu estatuto de documento ou seu vir a ser documentário e, feito isso, contribuir para uma abordagem documental dos monumentos, dos objetos e da História.



Doc. 2. Uma das numerosas relíquias da basílica Saint-Sernin: Saint-Phébadé em seu busto relicário e cartel desenvolvido: documento primário ao documento secundário. © Patrick Fraysse

Notas

(1) Na Idade Média a basílica Saint-Sernin era o centro de um convento urbano onde os prédios monásticos (o claustro notadamente) foram destruídos após a Revolução Francesa no séc. XIX.

Referências

BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation ?** Paris: EDIT, 1951. 48 p.

CAZES, Q.; CAZES, D. **Saint-Sernin de Toulouse**. De Saturnin au chef d'œuvre de l'art roman. Graulhet: Editions Odyssée. 2008. 348 p.

COUZINET, V. Document et documentologie dans les sciences de l'information et de la communication. *In*: CARVALHO, K.; BARREIRA, M. I. (orgs.). 3. Colóquio Científico Internacional da Rede MUSSI: As transformações do documento no espaço - tempo do conhecimento. **Anais** [...] Salvador, Rede MUSSI, UFBA, 2014.

DAVALLON, J. **Le don du patrimoine**: Une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Hermès, Lavoisier, 2006. 222 p.

DEBRAY, R. **Introduction à la médiologie**. Paris: Puf, 2001, 223 p.

FRAYSSE, P. Document. In : GARDIES, C. (dir.). **Approche de l'information-documentation**: concepts fondateurs. Toulouse: Cepaduès éditions, 2011. p. 36-74.

FRAYSSE, P. Monument et document au musée Saint-Raymond, Musée des Antiques de Toulouse. **Culture et Musées**, n. 21, p. 67-87, jun. 2013.

MEYRIAT, J. De l'écrit à l'information: la notion de document et la méthodologie de l'analyse du document. **Inforcom78**, p. 23-32, 1978.

OTLET, P. **Traité de documentation**: le livre sur le livre. Bruxelles: Editions du Mundanéum, 1934.

PIC, M. Le devenir image de la relique à l'époque de la reproductibilité technique. Photographie, copie et métaphore. In : BOUTRY, P.; FABRE, P. A.; JULIÁ, D. (eds.). **Reliques modernes: Cultes et usages chrétiens des corps saints des Réformes aux révolutions**. Paris: Ed de l'EHESS. 429 p. v.2.

NORA, P. (dir.). **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard 1984-1993.

POMIAN, K. Histoire culturelle, histoire des sémiophores. *In*: RIOUX, J.-P; SIRINELLI, J.-F. **Pour une histoire culturelle**, Seuil, 1997, p. 73-100.

SAINT-SERNIN: Seul le Vatican possède plus de reliques. **La Dépêche du midi**, Dimanche 26 mai. 2013, p. 28.

SCHMITT, J.-C. Les reliques et les images. *In*: BOZOKY, E. (dir.). **Les reliques, objets, culte, symboles**. Brepols. 1999. p. 145-167.